



O OLHAR DE FLORA TRISTAN. RELATOS DE UMA VIAJANTE NA AMÉRICA PERUANA NO PERÍODO DO PÓS-INDEPENDÊNCIA

Silvia de Souza Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Silviasss2003@yahoo.com.br

Resumo

No âmbito da geografia e os estudos coloniais e pós-coloniais, temos os relatos de viagem como fator de importância para (re) conhecimento e transformação dos territórios, uma vez que neste contexto os viajantes eram a fonte de informações para quem estava no Velho e no Novo Mundo. Nesse sentido, entender a América Latina, as relações de poder, no campo da geografia pós-colonial, por meio dos relatos de viagem é o objeto desse estudo. O pós-independência no Peru é retratado a partir dos relatos de Flora Tristan, viajante, que representa novas perspectivas no estudo de gênero, quanto à percepção crítica, olhar aguçado e descomprometido com que traça os acontecimentos do período, mostrando as elites crioulas dominantes e como estas mesmas elites conduzem a população a um caminho cada vez mais difícil no contexto social.

Palavras-chave: Relatos de Viagem, Pós-colonialismo, América Latina, Mulheres viajantes.

Abstract

In the context of geography, and colonial and postcolonial studies, we have the travel reports as a factor of importance for (re) cognition and transformation of the territories, since the travelers in this context were the source of information for anyone who was in the Old and the New World. In this sense, to understand the Latin America, the power relations in the field of postcolonial geography, through travel accounts is the object of this study. The post-independence in Peru is portrayed from the accounts of Flora Tristan, traveler, representing new perspectives in the study of gender, as the critical perception, keen eye and uncompromising that traces the events of the period, showing the dominant creole elites and how these same elites lead people to a path increasingly hard in the social context.

Keywords: Reports Travel, Post-colonialism, Latin America, Women travelers.

Resumen

En el contexto de la geografía y los estudios coloniales y poscoloniales, tenemos los informes de viajes como un factor de importancia para la (re) conocimiento y la transformación de los territorios, ya que los viajeros en este contexto fueron la fuente de información para cualquier persona que se encontraba en el Antiguo y el el Nuevo Mundo. En este sentido, la comprensión de América Latina, las relaciones de poder en el campo de la geografía poscolonial, vía relatos de viajes es el objeto de este estudio. En el proceso de consolidación de la independencia, o Perú es representado por los relatos de Flora Tristán, viajera, lo que representa nuevas perspectivas en el estudio del género, como la percepción crítica, buen ojo y sin concesiones que traza los acontecimientos de la época, mostrando el dominante élites criollas y cómo estas mismas élites llevar a la gente a un camino cada vez más difícil en el contexto social.

Palabras clave: Viaje informes, el post-colonialismo, América Latina, los viajeros de las mujeres.

Introdução

Os estudos pós-coloniais têm sido objeto de interesse, sobretudo a partir da década de 1970, formando uma ligação entre a geografia e o colonialismo, numa perspectiva crítica, cuja tendência abriu espaço para o campo da geografia histórica trabalhar os conceitos de pós-colonialismo, apresentando contextos que acentuam a indagação do caráter colonialista do discurso geográfico e a força das imagens e representações geográficas na legitimação dos projetos de ultramar. Na América Latina, autores como Quijano¹ (1992), que apresenta o conceito de “colonialidade do poder” (o qual não se deve confundir com período colonial), que é uma visão pós-colonial em que, mesmo após a independência na América Latina, o colonialismo não se finaliza, sendo os novos países independentes tutelados tanto por suas elites, como por novas “metrópoles” (Mignolo, 2002).

Para Almeida (2000, p. 231), o período pós-colonial é aquele que vem depois do colonialismo, mas também posterior ao fracasso dos projetos nacionalistas e anticolonialistas aplicados logo após as independências; devendo esse termo aplicar-se aos complexos de relações transnacionais entre ex-colônias e ex-centro colonizadores. Já para Hall (2003, p. 108), a colonização nunca foi algo externo às metrópoles imperiais, sendo esta uma das contribuições do termo “pós-colonial”. O termo não se limita a mostrar uma determinada sociedade ou época. Ele propõe que a “colonização” é parte do processo global transnacional e transcultural, pelo qual passarão os Estados independentes ou em processo de independência.

É importante ressaltar que os estudos sobre o pós-colonialismo adquiriram relevância a partir da publicação de “Orientalismo”, de Edward Said em 1978, em que para o autor o Oriente é uma invenção do Ocidente, uma construção europeia, assim pode-se apropriar da mesma teoria para a América Latina, que é uma espécie de “Oriente” inventado, primeiramente pelos europeus e reinventado pela elite crioula que assume o poder com os movimentos de independência (Said, 2003).

Nessa perspectiva de reconstrução ou reinvenção do antes Novo Mundo, é que, após as independências dos jovens Estados, entram em cena os relatos de viajantes, que ativamente contribuem para a formação tanto do imaginário do europeu, como do processo identitário dos latinoamericanos. Assim, pode-se afirmar que os relatos de viagem têm vital importância para o (re) conhecimento dos territórios, bem como sua transformação durante os períodos colonial e pós-colonial, uma vez que neste contexto os viajantes eram a fonte de informações para quem estava no Velho Mundo.

Dessa forma, o objeto desse estudo centra-se em apresentar a relação entre a geografia e o colonialismo, mais especificamente os estudos pós-coloniais por meio dos relatos de mulheres viajantes, tendo como base a autora Flora Tristan² e sua obra no campo da geografia de gêneros, sendo o lócus do trabalho o Peru, no período de pós-independência (XIX). A geografia de gênero³, no contexto da geografia cultural busca sanar lacunas quanto à inserção das mulheres no campo das ciências e cultura, uma vez que a visão feminina contribui para um novo olhar e enriquece o processo reflexivo para entendermos o processo colonial e pós-colonial.

O conturbado processo de transição para a consolidação da independência na América Hispânica

O contexto histórico-geográfico compreendido para a elaboração do estudo permeia a pós-independência do Peru, abrangendo as regiões antes conhecidas como alto Peru e baixo Peru, mais especificamente o baixo Peru. No entanto, faz necessária uma análise do processo histórico, na qual é fundamental observar que, para preservar suas posses, a Espanha não permitia expedições estrangeiras em suas colônias, criando assim uma atmosfera misteriosa para os outros países europeus. Neste universo desconhecido, a América Hispânica sofre intensas modificações, tanto estruturais quanto sociais (constroem-se cidades com prata e ouro e floresce uma elite crioula⁴ que aspira ao poder total, sem prestar mais contas à Coroa) e se torna um gigantesco império que em fins do século XVIII é um enigma dominado por uma das mais arcaicas nações da Europa. (Donghi, 2008).

Apenas no início do século XIX, período o qual predominam conflitos e a transição para a independência, a Espanha autoriza expedições de cunho científico e comercial em suas colônias. Contudo, não são apenas cientistas ou militares que vêm à América; existem outros viajantes com interesses e relatos diversificados, dentre estes, mulheres como Flora Tristan, a qual mostra por meio de seus relatos uma realidade vivenciada e não apenas observada. (Pratt, 1999).

Para autores como Rojas (2004, p. 25), a América Latina pode ser compreendida por seu processo histórico, construído com recentes “tratados de livre comércio”, à “dependência e à subordinação econômica” de cinco séculos, assim como pelos movimentos populares e de resistência pluriseculares indígenas. Dessa forma, enveredando pelas observações das relações urbanas, os relatos de Tristan (2000) contribuem para uma visão histórico-geográfica crítica, em que o espaço é constituído a partir das relações político-sociais, que interferem contundentemente no mesmo e constituem uma linha tênue marcante até a América Latina no presente.

Nesse sentido, para a compreensão do processo, é importante retroceder e traçar o contexto geográfico de formação das capitanias e vice-reinados coloniais espanhóis, que tiveram os seus centros urbanos formados em locais isolados por acidentes geográficos, separados por desertos, montanhas e com hidrografia sinuosa, o que causou a futura fragmentação do território num contexto pós-colonial. Quando instalou as cidades, a metrópole tinha em foco apenas metais preciosos, comércio e o lucro mediante a exploração, como o caso de Potosi (vice-reinado do Peru). Com as reformas coloniais e o esgotamento das jazidas, esta estabeleceu outra rota favorecendo Buenos Aires e Montevideu (vice-reinado do Rio da Prata) como centros de comércio. Todavia, regiões como Santiago e Lima entraram em profunda decadência favorecendo a insatisfação com a Coroa. (Donghi, 2008).

Assim, visualiza-se geograficamente a formação dos novos territórios, hoje Uruguai em torno de Montevideu, Argentina – Buenos Aires, com população de origem europeia - mais desenvolvidos e; países pobres, com origem mestiça e indígena como o Peru, Bolívia e em menor escala o Chile. Mas qual o motivo que levou a Coroa espanhola a reconfigurar o território dos vice-reinados? Num primeiro momento, pelo grande número de subdivisões territoriais, pode-se pensar numa descentralização da administração dos domínios espanhóis, mas o que houve foi o inverso. Com as reformas, buscava-se centralizar o poder da Coroa, reforçar a figura do monarca e assegurar um maior controle das possessões ultramarinas por parte das autoridades peninsulares. Para isso, foram trasladados funcionários diretamente da Espanha, sendo distribuídos nas cidades, com o intuito de refrear o poder local das cidades, bem como das famílias crioulas mais influentes (Ternavasio, 2009, p. 18).

Dessa forma, entende-se que ao se desvendar o papel da Geografia na formação dos valores nacionais, na construção de uma comunidade imaginada⁵ a partir da ideia de território (frente à existência de outros tipos de elementos de coesão social como os religiosos, étnicos ou linguísticos) se põe em questão dois fatores: o caráter dado do território e da nação, e a correspondência direta entre Estado-nação, população e território. (Zusman, 2009, p. 27). Assim, a questão territorial assume uma particular relevância no contexto das independências, uma vez que parte das disputas surge e se desenvolve no seio dos grupos humanos que reclamaram privilégios, direitos e poderes para os territórios que habitam. (Ternavasio, 2009, p. 10).

A diferenciação que podemos estabelecer quando se pensa em território e sua construção imaginada é o extermínio dos mestiços e índios no período pós-colonial nas zonas mais desenvolvidas, sendo uma linha direta população-território na Argentina e Uruguai (com “sangue puro”). Contudo, a população peruana é diretamente ligada ao território pobre, em decadência no período pós-colonial – juntamente com o Chile e Bolívia (antes capitania geral do Chile e vice-reinado do Peru), mas com uma elite crioula branca e rica, formando-se um abismo social, onde se optou em vez da matança num curto prazo, manter os índios servos e os negros escravos, como apontado nos relatos de Tristan (2000), Donghi (2008) e Ternavasio (2009).

Esse panorama nos mostra as cicatrizes geográficas, políticas e sociais de um continente explorado antes e no período pós-colonial, no qual as elites se apropriam de um discurso do pensamento geográfico, para perpetuar a dominação no território, já sem os espanhóis, mas tendo como novas metrópoles outros países do Velho Mundo, como a Inglaterra e França, além de uma classe dominante implacável, quando o assunto é aumentar suas riquezas.

Relatos de viagem e a especificidade do olhar da mulher viajante

Para compreender os relatos de viagem, é preciso perceber os seguintes aspectos: a pessoa que viaja; o âmbito geográfico e a intenção manifestada pelo observador; lembrando que o significado destes, a respeito da produção de conhecimento sobre os lugares visitados, se constrói subjetivamente, influenciado por filosofias, epistemologias e a própria realidade da sociedade; além de exemplificar um contato cultural entre europeus e não-europeus. Nesta perspectiva, os viajantes e as viajantes mostram trechos naturais e definem singularidades sociais, econômicas e culturais, principalmente no caso da América Latina, mais especificamente o território peruano. (Garcia-Ramon, 2008). Assim, a fusão entre realidades políticas, biográficas e intimistas conduz os relatos, tornando-os um sistema híbrido de representações culturais (Grossman, 2003 *apud* Garcia-Ramon, 2008).

Além disso, outro aspecto mostra como o discurso dos viajantes influenciou na construção do imaginário europeu, principalmente no século XIX, na chamada Zona de Contato, conceito abordado por Pratt, 1999. A zona de contato configura um espaço onde duas ou mais culturas diferentes se chocam num emaranhado de relações assimétricas, sendo que de um lado caracteriza-se a dominação e do outro a subordinação, como as relações coloniais.

No pós-colonialismo os relatos enfatizam o papel desenvolvido dos conceitos de origem, classe, gênero e etnia na construção da identidade de uma Europa que se vê hierarquicamente superior ao resto dos países. Mas somente, a partir de 1990, é que estudos feministas buscam recuperar os relatos de mulheres viajantes, como forma de valorizar a contribuição da mulher branca e ocidental no processo de formação colonial e na construção do discurso de gênero. (Domosh; Morin, 2003, *apud* Ramon, *et al*, 2008, p. 40).

Segundo Pratt (1999), o relato das viajantes centra-se em suas casas (olhar a cidade a partir da casa), ou seja, é no mundo privado (seu eu), em momentos de solidão, que elas organizam suas análises, que se sentem à vontade, pois este é o único território que possuem, no qual não estão submetidas a convenções sociais. Já para Ramon, *et al* (2008) esta escrita sofre influência da sensação de liberdade que elas experimentam por não estarem nas metrópoles (de sociedade patriarcal e aristocrata), uma vez que nas colônias deixam de ser vistas por seu gênero para serem vistas por sua cor (que as diferencia da população local); esta percepção justifica a presença de críticas à submissão e ao colonialismo nos relatos femininos (porque as autoras já experimentaram esse sentimento anteriormente), enquanto que o olhar masculino está voltado às descobertas científicas, comerciais ou de recursos naturais atendendo às demandas europeias. Nesse aspecto, os relatos das mulheres viajantes são deixados à margem do contexto geográfico e histórico, cujo universo é essencialmente masculino, marcando fortemente a questão do gênero.

Contudo, autoras como Domosh (1991); Blake (1992); afirmam que o discurso colonial não deve ser entendido como um fenômeno unitário, e que o gênero é um fator importante na produção de diferenças internas. A posição singular das mulheres, entre o discurso do colonialismo e da feminilidade, as torna ambivalentes e em condições de cumplicidade, pois sua posição como oprimidas e colonizadas em seus próprios países lhes dão condições de verem o colonialismo fora dele mesmo (Blake, 1992 *apud* Garcia-Ramon, 2002). E graças aos hábitos de socialização diferencial, as mulheres

desenvolveram formas minuciosas de observação, como é o caso de Flora Tristan, a viajante estudada.

Flora Tristan, os relatos de uma viajante franco-peruana

Flora Tristan lança em 1838 os relatos de sua viagem e permanência no Peru, 1833-1834, país que na época, consolidava sua independência em relação à Espanha, assim como o restante da América Hispânica, e vivia turbulências na nascente República, como apontamentos já citados anteriormente. Peregrinações de uma Pária é um relato de viagem, mas também o relato das lutas de uma mulher independente com uma sociedade que tudo lhe conspirava. O próprio nome mostra o lugar de Flora no relato, uma pária, excluída, mulher.

Os relatos de Tristan (2000) mostram com riqueza de detalhes as relações sociais e políticas da elite crioula peruana, principalmente arequipense, bem como em alguns momentos mostra as demais classes, ainda não constituídas como tal, mestiços, índios e escravos, em flagrante contradição com os ideais da República nascente, mas que atendia aos interesses da classe dominante. Segundo Ramon, *et al* (2008), a personalidade de cada viajante e seus motivos para tal empreendimento são singulares, o que influencia a realidade observada. É nessa singularidade que Tristan realiza seus relatos, da perspectiva pessoal para a social. Contudo, o foco principal é o olhar testemunho de uma européia sobre um país da América Latina no século XIX.

Analisando o contexto geográfico-histórico e os relatos de Flora, entende-se com clareza a problemática social e política que vive o Peru até no limiar do século XXI, bem como outros países. Desde o início da República o que se procurou foi a manutenção dos privilégios da elite crioula e toda tentativa de apropriação do ouro dos crioulos levava a guerras declaradas pelo poder. Contudo, sempre que compara os peruanos aos europeus, destaca a superioridade dos colonizadores, comerciantes e exploradores do Velho Mundo.

Tristan (2000) transita desde a religiosidade da população e as crenças até os posicionamentos políticos, vestimentas, costumes e também sobre as paisagens locais das cidades visitadas, principalmente Arequipa⁶ e Lima, descrevendo o deserto, dando sempre destaque para vale e os três vulcões⁷ de Arequipa. Ao abordar os acontecimentos e as relações sociopolíticas, sempre se coloca como sujeito ativo desses acontecimentos, como uma observadora participante.

Os relatos apresentados nos capítulos: “A República e os três Presidentes”, “Batalha de Cangallo” e “Lima e seus costumes”, dão conta da complexa condição da disputa pelo poder, pelo território, em lutas internas pelo comando político do país. No capítulo referente Lima, a autora faz concretamente uma análise da vestimenta da mulher limenha denomina *Saya*⁸ e tudo o que esta significa para a feminilidade e o forte símbolo de liberdade para essas mulheres. Pode parecer simples, mas a perspicácia da observadora empreende profundas reflexões sobre a sociedade por meio de uma roupa e todo o poder da mulher nesse meio. É em Lima que Tristan se surpreende com a liberdade das mulheres⁹. Isso é tão representativo quanto a descrição dos conventos de Arequipa, no capítulo com o mesmo nome, “Santa Rosa”¹⁰ e “Santa Catalina” e todo o entrocamento do poder e do simbolismo existente em cada um desses territórios religiosos, prisões da alma para Tristan (2000).

Dos relatos mais marcantes para o entendimento das relações de poder trata “A República e os três Presidentes”, o qual descreve o conflito de generais e políticos pela presidência do Peru. Na cidade de Arequipa instalaram-se os aliados de Obergoso, que deseja tomar o poder, adversário do Presidente eleito Bermudez. Este, assim como Bolívar¹¹, na visão dos proprietários, espoliou-os - o libertador confiscou da família Tristan a quantia de 40.000 piastras¹² (moeda do período), o general Sucre, 30.000, San Martín tudo o que Mariano (pai de Flora) possuía em Lima. Naquele novo momento de conflito, os comandantes do exército Nieto e o monge Valdívia (partidários de Orbegoso) empreendem a tarefa de arruinar os proprietários (na visão destes), exigindo grandes somas em ouro (Tristan, 2000, p. 317).

Nos escritos de Flora, a elite crioula, principalmente sua família “Tristan”, acumulou muitas posses e riquezas a troca de exploração desde o período colonial e a República, embora apoiada contra a Espanha, não agradava aos proprietários, pois precisava de muitos recursos para manter os exércitos¹³. Isso para os proprietários era a morte, pois adoravam o ouro como um deus. Numa passagem do capítulo “A República e os três Presidentes”, a autora relata de forma quase caricatural o desfile da elite ridicularizada carregando sacos de ouro, mostrando o desespero pela perda de pequena parte das riquezas¹⁴. O confisco levou à loucura muitos habitantes de Arequipa. Nas observações da autora, uma das razões para o atraso dos peruanos era a falta da circulação das riquezas e do trabalho, valores europeus civilizatórios.

Esses ideais civilizatórios colocam os senhores latinoamericanos bem distantes, uma vez que estes não podiam acumular benefícios comerciais comprando força de trabalho assalariada, pois ia contra o que acreditavam, pois o interesse dessa classe dominante, mesmo com a República, era perpetuar as relações de servidão dos indígenas e escravidão dos negros. A colonialidade do poder (perpetuação dos ideais coloniais, sem a existência da colônia propriamente dita) os impedia de desenvolver os interesses sociais na mesma direção dos pares europeus, ou seja, converter o ouro em capital comercial e deste em capital industrial, pois isso demandava transformar a mão-de-obra indígena e negra em assalariada. Não sendo de forma alguma interesse da elite crioula. (Quijano, 1992).

Numa visão política e geográfica das guerras internas na consolidação do país, Tristan (2000, p. 326) afirma que as cidades da América espanhola eram separadas umas das outras por imensas extensões de território sem cultura e sem habitantes, tinham ainda poucos interesses comuns entre si. O que conseguiram fazer foi criar vínculos e organizações municipais de acordo com o nível das populações, além da união destas num elo federativo. No entanto, para se libertar da Espanha foi preciso criar exércitos e quem tinha esse poder nas mãos quis dominar. Se a população fosse unida, essas regiões não apresentariam durante vinte anos, naquele período, e ainda, posteriormente, o espetáculo desolador de guerras sempre renascentes.

Como participante do processo de observação, Tristan produz uma análise da situação vista. No seu entendimento na América do Sul as riquezas não são distribuídas e existiam no Peru imensas fortunas conseguidas nos empregos públicos, no comércio, especialmente ilegal e, na exploração das minas. Já no trabalho com a terra, apenas havia sido aplicado um pequeno número de riquezas, e a maioria da população era pobre antes e não melhorou sua situação depois da independência em relação à Espanha. A abordagem da viajante Flora Tristan sobre as relações de poder fazem ressaltar como os relatos de viagem podem contribuir para o entendimento do pós-colonialismo, que

nada mais foi do que a continuidade das relações coloniais, mas comandadas por uma nova classe dominante, a elite crioula. Dessa forma, o território no sentido geográfico é um espaço apropriado onde se estabelecem relações de poder e por isso um espaço político (Lopes, 2009, p. 229). Pode-se afirmar ser esta a visão das viajantes nas primeiras décadas do século XIX. Assim, Tristan tem o olhar mais próximo dos conflitos sociais e políticos que o olhar masculino, distante, sendo este o diferencial nos relatos da autora, no que tange à geografia de gênero. E ainda que os escritos de Flora Tristan tenham tardado mais de meio século para serem divulgados no Peru e na América Latina, no campo dos estudos feministas e de gênero, ao fazer da mulher um sujeito ativo no âmbito das mudanças sociais, os relatos de Tristan grifam os caminhos para fazer com que haja uma reinterpretação e revalorização do discurso geográfico, histórico e social na América Latina.

Notas

¹ Aníbal Quijano é professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Binghamton, Nova Iorque (EUA), e diretor do Centro de Investigações Sociais (Ceis), Lima- Peru.

² Flora Tristan se tornou uma das pessoas mais proeminentes do socialismo francês pré-marxista e uma das fundadoras do Sindicato dos Trabalhadores naquele país, num período em que as lutas pelos direitos dos operários eram questão essencial, momento de expansão das cidades industriais. Mariano Tristán y Moscoso, pai de Flora Tristan, general peruano a serviço da Espanha, constituiu uma família com a francesa Teresa Laisney. Com sua morte, a família é deixada na miséria, pois o casamento não foi validado legalmente; as dificuldades financeiras passam a guiar as escolhas de Flora, que divorciada, deixa os filhos na França, viaja ao Peru, em busca de sua família paterna, de sua herança e encontra um novo país, uma família de elite (seu tio Pioc Tristan é pertencente aos poderosos da cidade de Arequipa) e a rejeição por ser filha natural. Flora passa por um processo de transformação pessoal e política, conscientizando-se de sua identidade de gênero e dos fenômenos de discriminação, marginalidade e exclusão ao mesmo tempo sexuais e sociais da mulher nas sociedades modernas dominadas pelos homens, que posteriormente guiarão seus passos como defensora e ativista dos direitos dos trabalhadores franceses e; principalmente pela luta dos direitos iguais entre mulheres e homens. É interessante ressaltar que uma imagem de Flora Tristan foi queimada em Lima e Arequipa quando seu livro de viagem chegou ao Peru, vindo de Paris, em 1838. Essa obra fez com que Flora fosse considerada uma das mulheres que escreveram relatos relevantes de viagem à América do Sul após a independência. Além de *Peregrinações de uma Pária*, a autora pesquisada também escreveu sob o disfarce de relatos de viagem, críticas às condições sociais na Inglaterra (*Passeio em Londres*, 1840) e França (*Uma viagem pela França*, inédito até 1977), juntamente com o romance *Mephis*, o proletário (1838), assim como numerosos ensaios. Em 1843, Flora publicou o trabalho que a tornou mais conhecida – o *Union Ouvrière* (A União dos Trabalhadores), manifesto social e político com o objetivo de unir os trabalhadores franceses, mulheres e homens, num único sindicato operário que alcançaria a igualdade e justiça, transformando pacificamente a sociedade francesa. Após a publicação da última obra acima citada, Tristan trabalhou até a morte pela sua causa e seus ideais, viajando pelas cidades industriais francesas e fazendo reuniões com trabalhadores. Todavia, durante todo este período foi duramente perseguida pelas autoridades francesas. Nesse ínterim, teve seus planos frustrados, sendo acometida por uma doença (tifo), falecendo em 1844. Flora foi rapidamente esquecida na Europa, até que sua memória fosse lembrada pelo movimento feminista após a Primeira Guerra Mundial e novamente na efervescência deste movimento nos anos de 1970. No Peru, sua história foi recuperada nos anos de 1870, quando a feminista boliviana Carolina Freyre de Jaimes clamou por sua reabilitação. Da mesma forma nos anos de 1930, a líder socialista peruana Magda Portal saudou Flora Tristan como a precursora do feminismo socialista. Atualmente, seu nome identifica uma das mais influentes instituições feministas peruanas, o Centro Flora Tristan, em Lima, no Peru. (Notas extraídas de *Peregrinações de uma pária*, 2000).

³ É recente o desenvolvimento da problemática do gênero na investigação geográfica, tendo aumentado consideravelmente a partir dos anos de 1980, sempre procurando seu espaço, sendo teorizada por autoras como García-Ramon, 1989. No contexto de estudo, a geografia pode ser entendida como a disciplina da confluência de muitas outras que permite, através de uma metodologia própria, a compreensão integrada

das realidades sociais. É nesta perspectiva que a questão do gênero se enquadra no processo investigativo. (André, 1990). Dessa forma, se não conhecermos os papéis desempenhados por cada um dos gêneros no funcionamento da sociedade, não podemos esperar apresentar uma análise razoável do comportamento espacial das mulheres e dos homens, nem das instituições que, por um lado, dependem desses comportamentos e, por outro, os influenciam. (Women and Geography Study Group of the Institute of British Geographers, 1984).

⁴ Elite Crioula formada por pessoas brancas de descendência espanhola, mas nascidas na colônia.

⁵ Construção da comunidade imaginada, segundo Anderson (1989) refere-se a construção do sentimento de nacionalidade dado em extensos territórios ou em comunidades com ideais fragmentados, usando-se símbolos, mitos, alegorias, figuras heróicas, arte e literatura, enfim todos os elementos que possam estabelecer elos de ligação para consolidar o sentimento de identidade nacional em construção.

⁶ Arequipa - Localiza-se no sul do Peru, a 2300 metros de altitude, estendendo-se numa área localizada num vale das montanhas desérticas da cordilheira dos Andes, e rodeada por vários picos, entre os quais o de Misti, com cerca de 5822 metros de altitude. Tem cerca de 841 mil habitantes.

⁷ Os três vulcões que circundam o vale de Arequipa são o Chachani – com 6.089 metros de altura, tendo os cumes frequentemente cobertos de neve; o El Misti – com 5.822 metros, tem a forma de um cone perfeito e está adormecido desde sua última erupção em 1985; e o Pichu Pichu, - vulcão extinto, com sete picos, sendo o mais alto com 665 metros.

⁸ Saya, segundo a autora, “compõe-se de uma saia e uma espécie de saco que envolve os ombros, os braços e a cabeça, e que se chama manto”. (Tristan, 2000, p. 481).

⁹ “Não há, absolutamente, lugar na terra onde as mulheres sejam mais livres, exerçam mais forte influência do que em Lima... Em Lima as mulheres são geralmente mais altas, mais bem dispostas do que os homens.” (Tristan, 2000, p. 480). É necessário observar que Tristan se refere às mulheres brancas, não a indígenas, mestiças ou negras, sendo estas últimas distantes nesse momento dos seus relatos.

¹⁰ “Santa Rosa é um dos mais vastos e um dos mais ricos conventos de Arequipa. A distribuição interna é cômoda: apresenta quatro claustros que encerram, cada qual, um pátio espaçoso. Grandes pilares de pedra suportam a abóboda muito baixa desses claustros... esses dormitórios são construídos em forma de esquadria, e sem nenhuma janela que deixe passar luz...a entrada dos dormitórios é proibida, não apenas a pessoas estranhas, mas até mesmo às mulheres de serviço na comunidade. Os túmulos (lugar onde cada religiosa se retira para dormir) estão dispostos de cada lado do dormitório... pela ordem que estão dispostos, aos túmulos que se vê nos jazidos das igrejas...” (Tristan, 2000, p. 361-362).

¹¹ Bolívar, um dos heróis da independência, pertencente à elite crioula, esteve no Peru em 1823, como descreve Donghi (2011, p. 88-89): “Bolívar viu-se em condições, em 1823, de entrar no Peru, onde encontrou a revolução esfacelada. A constituinte de 1822 acolhera imediatamente a renúncia de San Martín (general argentino, também tido como herói da independência da América Espanhola) e elegera um triunvirato; em dezembro, proclamava a república e desautorizava as conversações iniciadas na Europa com o objetivo de encontrar um rei para pôr no trono peruano... Bolívar encontrou no Peru uma situação ainda mais grave do que a relação de forças militares deixava entrever; a debilidade da revolução de Lima, nascida tardiamente sob o estímulo brutal da invasão argentino-chilena, punha em perigo sua sorte futura... Somente uma série de êxitos militares, obtidos graças aos reforços provenientes do norte, permitiu a Bolívar sobreviver... Em 1825, no alto Peru, o comandante Sucre vencida as últimas resistências e, solicitados pelos nativos de Charcas e Potosí, patrocinava a constituição de uma república com o nome de Bolívar. Desse modo o Alto Peru podia evitar uma fusão com o Rio da Prata, decretada em 1776, quando a anexação ao Peru, que parecia de novo ser possível em decorrência das vicissitudes da guerra.

¹² Três piastras equivaliam no período a 15 francos (moeda francesa).

¹³ “O governo que se organizara em nome de Orbegoso devia empregar as somas que recebia dos proprietários na organização de um exército forte o bastante para resistir ao de Bermudez” (Tristan, 2000, p. 322).

¹⁴ “Dom Ugarte acabar de passar com seu saco cheio de ouro, quando chega à janela dom Juan Goyenèche, que se mostrava extenuado... e falou...vou à casa de Dom Pio, espero que ele possa me emprestar dinheiro...as senhoras sabem que eles tiveram a imprudência de fazer nosso venerável irmão, o bispo, pagar 20.000 piastras? Minha irmã foi taxada em 5.000, e eu, em 6.000. Assim, eis que 31.000 piastras são roubadas, de uma só vez, a nossa fortuna” (Tristan, 2000, p. 316).

Bibliografia

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Um mar da cor da terra. Raça, cultura e política da identidade*. Oeiras: Ed. Celta, 2000.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ANDRÉ, Isabel Margarida. *O gênero em geografia, introdução de um novo tema*. Lisboa. Finisterra, XXV, n. 50, 1990, p. 331-348.

DONGHI, Túlio Halperin. *Historia contemporânea de América Latina*. 7ª ed. Buenos Aires: Alianza Editorial, 2008.

_____. *História da América Latina*. 4ª. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

LOPES, Iole Ilíada. *Estado, território e pensamento geográfico: discutindo a atualidade de uma interpretação política do espaço*. IN: *Anais do II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico*. São Paulo: FAPESP; GEOPO-USP; CAPES, 2009.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: Relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

GARCIA RAMON, Maria Dolores. Viajeras europeas en el mundo árabe: un análisis desde la geografía feminista y poscolonial. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona. Doc. Anal. Geogr. 40, 2002, p. 105-130. Disponível em < <http://ddd.uab.cat/pub/dag/02121573n40p105.pdf> > acesso em 02/10/11.

GARCIA RAMON, Maria Dolores; NOGUÉ, Joan; ZUZMAN, Perla (eds). *Una Mirada catalana a l'Àfrica: Viatgers i viatgeres dels segles XIX i XX (1859-1936)*. Lleida: Pagès Editors, 2008.

MIGNOLO, Walter. *Colonialidad global, capitalismo y hegemonía epistémica*. In WALSH, Catherine, SCHIWY, Freya e CASTRO-GÓMEZ, Santiago (orgs.). *Indisciplinar las Ciencias Sociales. Geopolíticas del Conocimiento y Colonialidad de Poder. Perspectivas desde lo Andino*. Quito: Universidad Andina Simon Bolivar/Ediciones Abya-Yala, 2002, pp. 215-244.

ROJAS, C. A. Aguirre. *América Latina – História e Presente*. Campinas/SP: Papirus, 2004.

SAID, Edward. *Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TERNAVASIO, Marcela. *História de la Argentina 1806-1852*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2009.

TRISTAN, Flora. *Peregrinações de uma Pária*. Florianópolis: Ed. Mulheres ; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

ZUSMAN, Perla. *Recortes nacionales y transnacionales em El análisis de los procesos de institucionalización de la geografía latinoamericana. Algunas reflexiones a partir Del caso argentino em el paisaje del siglo XX*. In: *Anais do II Encontro Nacional de*

História do Pensamento Geográfico. São Paulo: FAPESP; GEOPO-USP; CAPES, 2009.

XII Coloquio de Geocrítica 2012
Bogotá, 7 al 11 de Mayo

